

**Discurso proferido na sessão de 24 de agosto de 1954,  
publicado no DCD de 25 de agosto de 1954, página 3872.**

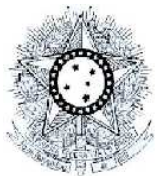
**O SR. GUSTAVO CAPANEMA** – Sr. Presidente, não é este o momento próprio para tratar da vida do Presidente Getúlio Vargas. Essa vida foi marcada pelo ideal. Conheci de perto o grande Presidente, conheci a sua inteligência profunda, larga e sutil, inteligência política como nunca vi tão grande, capaz de discernir as melhores soluções nos momentos mais intrincados; capaz de divisar, no plano dos interesses do País, as soluções salvadoras; capaz de encontrar, em todas as circunstâncias políticas, em que estivesse em jogo a honra, o destino, a felicidade da Nação, o rumo popular o ou rumo histórico, o rumo, verdadeiramente cheio de sabedoria. Ele tinha essa inteligência alta e notável. Conheci-lhe de perto o coração. Nunca vi no seu semblante, em nenhuma circunstância, a menor sombra de rancor, de ódio, de antipatia, de aborrecimento para com quem quer que fosse.

Conheci-lhe de perto o coração, e posso dizer que era tão grande como o coração de Salomão, esse coração que, segundo a palavra da Escritura, era dilatado como as areias das praias. Na verdade, ele tinha sempre o coração inclinado para as boas soluções, para as soluções generosas para a conciliação, para o entendimento e para a paz.

Nunca divisei nele, mesmo nas horas em que o ímpeto era justificável e esperável, nunca divisei nele o gesto ou a atitude da vingança. Ao contrário, o que constituía uma preocupação constante do seu espírito e do seu coração era encontrar a ponte por onde chegar à alma do adversário e do inimigo.

Certa vez, Emil Ludwig perguntou-lhe se era grande o número de seus inimigos. A resposta é conhecida – Eu não tenho nenhum inimigo do qual não possa amanhã tornar-se amigo.

Ele tinha, além dessa inteligência e desse coração, uma vontade de ferro. Era desses homens que não queriam muita coisa. Para o maior número de problemas, ele admitia uma série de soluções. Não era teimoso, não era vaidoso, não se apegava à sua própria deliberação. Para o maior número dos assuntos ele admitia um cem número de boas soluções. Ele colocava a sua vontade apenas num pequeno número de problemas e de ideais. E aí a sua vontade era realmente de ferro. Neste ponto é que nele surge e se



## **Câmara dos Deputados**

Departamento de Taquigrafia, Revisão e Redação

**Escrevendo a História - Série Brasileira**

caracteriza o homem de Estado.

O homem de Estado não é aquele que apenas tem um grande coração, não é aquele que apenas tem uma grande inteligência. O homem de Estado é aquele que tem uma grande e poderosa vontade, essa vontade capaz de enfrentar os problemas mais difíceis e alcançar os objetivos.

Essa era a sua vontade.

Mas, Sr. Presidente, eu dizia que a sua vida foi marcada pelo ideal. Esse coração, essa inteligência e essa vontade poderia ser qualidades de um condutor qualquer, de grande categoria. Nele esses atributos fundamentais foram reunidos para servir a um ideal. Ele pôs toda a sua vida a serviço de um ideal.

Poderíamos ficar aqui longo tempo a indicar as linhas mestras desse ideal: a felicidade do povo, a unidade nacional, a glória da pátria um sem número de princípios e de objetivos que não se de constroem, daqui por diante vasto campo de pesquisas e de trabalho de biógrafos e historiadores.

Nesta hora, Sr. Presidente, não cabe falar da vida do Presidente Getúlio Vargas. Delineio, quase que por um dever protocolar, apenas estes traços fundamentais de tão fulgurante personalidade.

Do que neste momento devo falar é da morte de Getúlio Vargas, se a sua vida foi marcada pelo ideal, a sua morte foi marcada pela honra. Isto é o que deve ver, neste doloroso momento, o povo brasileiro. O Presidente Getúlio Vargas morreu pela sua honra. Assisti, nestes últimos dias, a todo o drama da sua alma. Desde aquela madrugada tenebrosa em que sucumbiu o Major Rubens Vaz e em que um jornalista do nosso país foi atingido na sua liberdade desde aquela trágica madrugada, o Presidente não perdeu a inquietação e o sofrimento. Disse-me, a certa altura dos acontecimentos, que os seus maiores inimigos já eram os autores do atentado da Rua Toneleiros. O Presidente porfiou, a partir dos primeiros momentos, para que os criminosos fossem punidos. Quis assumir, pela maneira mais enérgica e positiva, a posição de vingador. Pouco se lhe dava que os delinqüentes estivessem aqui ou ali. Pouco lhe importava que a suspeita recaísse sobre este ou aquele. O que lhe importava era que os criminosos fossem descobertos e a fúria da justiça sobre eles recaísse. Ele precisava defender a Presidência da República de quaisquer suspeitas, colocando-a a serviço da Justiça.

Com o decorrer dos dias, a crise política se desenhou e foi se agravando. Não era só o atentado miserável, não era só a tentativa de homicídio e o homicídio executado que



**Câmara dos Deputados**  
Departamento de Taquigrafia, Revisão e Redação  
**Escrevendo a História - Série Brasileira**

se atiravam ao rosto do Chefe da Nação. Surgiu um cortejo de miséria, que foram envenenando a opinião pública. O Presidente sentia já agora, uma necessidade maior de defender a dignidade a presidência.

Outro dia, desta tribuna, referi-me a um conceito que tem maior cabimento nesta oportunidade. Lembrei a lição de Bossuet, segundo a qual o Monarca do Mundo, a Divina Providência, quando confere a um governante o poder de governar está como que entregando-lhe uma comissão particular. Quem governa está com uma comissão da Divina Providência. Quem governa há, portanto, de ter no governo um tal sentimento de dignidade, de se levantar e se enfureça e se arme, e tome a atitude mais enérgica e vingativa contra os autores de crimes nefandos, principalmente contra aqueles que enxovalham a honra e o prestígio do governo. Vi o Presidente, nestes dias, preocupado exclusivamente com este lado do problema, preocupado com a defesa da dignidade da presidência.

Ainda ontem, quando às duas horas da tarde, conversávamos pela última vez, disse-me ele que a questão de ficar no governo lhe parecia secundária. A questão estava em defender a sua honra. Eu lhe disse então:

“Foi a atitude final de Pedro I: defender a honra.” Ele prosseguiu:

“Preciso defender principalmente a minha honra. Não posso sair daqui enxovalhado. Não posso sair daqui com a pecha de condescendente ou vinculado com o furto e o homicídio. Não posso sair daqui com desonra.

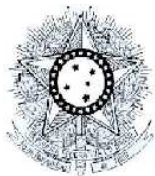
“Tenho de aqui ficar enquanto for necessário, para a defesa do meu nome.”

Insisto muito neste ponto.

Dou a minha palavra de honra, invoco mesmo o testemunho da Divina Providência que estou relatando a verdade do nosso último encontro. Não sei como as coisas se desenrolaram nos últimos momentos. Até agora, conversa aqui, conversa ali, não pude ainda construir o histórico dos acontecimentos da madrugada e da manhã de hoje, mas posso tirar uma conclusão inelutável: o Presidente sacrificou-se pela sua honra. A Presidência, essa comissão particular da Divina Providência, não se enxovalhou nas suas mãos. A Presidência não se tingiu de sangue nas suas mãos. A Presidência não se impurificou com a desonestidade nas suas mãos.

**O Sr. Lauro Lopes** – Muito bem.

**O SR. GUSTAVO CAPANEMA** – Sr. Presidente, não posso ocupar longo tempo a tribuna. Quero concluir esta ordem de considerações pela declaração de que o



## **Câmara dos Deputados**

Departamento de Taquigrafia, Revisão e Redação

**Escrevendo a História - Série Brasileira**

Presidente se sacrificou para que sua honra não percesse.

Que maior Presidente poderá figurar na História do nosso País? A vida marcada pelo ideal, a morte marcada pelo honra! Quem, dentre os governantes de nosso país, poderá ficar acima dele? Na manhã de hoje, ele pela maneira mais trágica, pela maneira mais terrível, pela maneira mais espantosa, pela maneira mais incrível, pela maneira mais surpreendente, ergueu-se, ergueu-se sobre si mesmo, e atingiu a culminância dos maiores Chefes de Estado da nossa História!

Esta é a homenagem que me sinto no dever de prestar-lhe, nesta hora de dor, dando o meu testemunho de que ele viveu por um ideal e morreu pela sua honra.

Não quero descer da tribuna sem fazer veementes votos por que o Sr. Vice-Presidente da República, que já assumiu a chefia do Governo, possa governar em paz, possa atravessar este tremendo momento, numa atmosfera de ordem, tranqüilidade e harmonia.

Quantos já me disseram hoje que os acontecimentos podem tornar-se perigosos, que o ambiente poderá envenenar-se, que a ordem poderá periclitar, que o governo poderá entrar numa crise de autoridade, que a rua poderá encher-se de sangue, que os atentados poderão multiplicar-se! Não posso deixar, Sr. Presidente, de erguer daqui a minha voz para conclamar o povo do nosso País para a concórdia, para atitude generosa e fraterna. É preciso que saíamos da tragédia de hoje, sem outros sacrifícios. É bem certo que, por mais pungente que tenha sido a sua última mensagem, por mais cheia que esteja da sua dor e revolta, que o que há nela de verdadeiramente central, de verdadeiramente positivo, de verdadeiramente culminante é a atitude de fraternidade. É a inclinação para o perdão. É a vontade de apartamento das ofensas. Se ele aqui pudesse falar agora, não diria senão palavras de compreensão e de harmonia.

Sr. Presidente, é com estas expressões, a um tempo de ordem emocional e política, que exprimo o estado de espírito da maioria, que até este momento teve a honra de liderar na Câmara dos Deputados. (Muito bem; muito bem. Palmas prolongadas. O orador é abraçado).